

Um mistério, as fotografias de Helena Gonçalves são também uma revelação e uma surpresa.

Reportam-nos a um espaço desconhecido, mal definido, negro. Os clarões pontuais no imenso negro mostram-nos corpos, figuras em movimento ou estáticas, indiferentes ao fotógrafo. Movem-se sobre a areia da praia ou dentro de água.

Fazem o que é usual fazer-se numa praia, jogos de água, de bola, leitura de jornal, descanso ao sol. Mas pelo facto de não haver sol, tudo deixa de ter sentido. As pessoas e o espaço negro são uma incógnita. A incerteza, o medo do escuro, da noite e do desconhecido instalam-se no espectador.

Não vemos uma cara, uma expressão sequer, que nos guie para uma explicação, para uma chave do mistério. Vemo-nos perante desconhecidos, estão ali a divertir-se, alguns a descansar. O flash revela-nos qualquer coisa, que está a decorrer no escuro, uma vista repentina que desaparece de imediato. Percebemos que depois tudo continua, depois do flash o preto, o contínuo do escuro.

Poderemos estar a ver uma cena de um filme? Ou qualquer coisa que se passa num sonho? Inquietos, pressentimos que vai passar-se qualquer coisa mais, algo de inesperado, alguma catástrofe? Porque, embora estejamos perante uma fracção de segundo, sentimos nestas imagens a continuidade do tempo. O flash surge para nos revelar um sonho.

E de repente fez-se luz ...

Luís Pavão - Setembro 2005, Lisboa.

Desde de muito pequeno a praia e o mar fazem parte da minha vida. Vivia numa vila de praia, mar e gente do mar. Toda a vida da vila era marcada pelas estações do ano: o bulício do Verão de gente em busca do mar para saciar o calor, o Outono a sentir a praia a voltar a ser só nossa, o Inverno e o mar zangado com o frio e a Primavera da alegria de voltar a saborear o mar. Ao longo dos anos era um ciclo que se repetia, não fosse o facto de ter um grupo de amigos de futebol de praia. Tudo se transformava, o tempo parava, o frio deixava de o ser, o calor não cansava porque o mar estava ali. Na areia aplanada pelo mar, os pés descalços corriam atrás da bola, desenhando estórias de jogadas em breve apagadas pela maré cheia. Mas nós, mais fortes que o ciclo das marés, haveríamos de voltar. Era a nossa praia.

As fotografias de Helena Gonçalves fazem-me viver novamente esses momentos, difíceis de transmitir em palavras. É através da imagem que tudo o que ficou guardado na memória vem ao de cima, com muito mais força e emoção. Foi aqui que me encontrei com o trabalho da Helena.

Da cena que decorre ficam registadas as referências a momentos, numa imagem não totalmente revelada que reverte para nós, observadores, a tarefa de a completar, dando-nos pontos de partida mas nunca o fim. É ao observador que Helena se apresenta e desafia-o a participar, a estabelecer um diálogo.

E assim partindo de mim, da minha memória, segui atrás das outras imagens recordando ou inventando as minhas próprias estórias vividas a "Céu e Água". E agora que termino permanece um pensamento: o futebol de praia tem de voltar.

Jaime Vasconcelos - Setembro, 2005